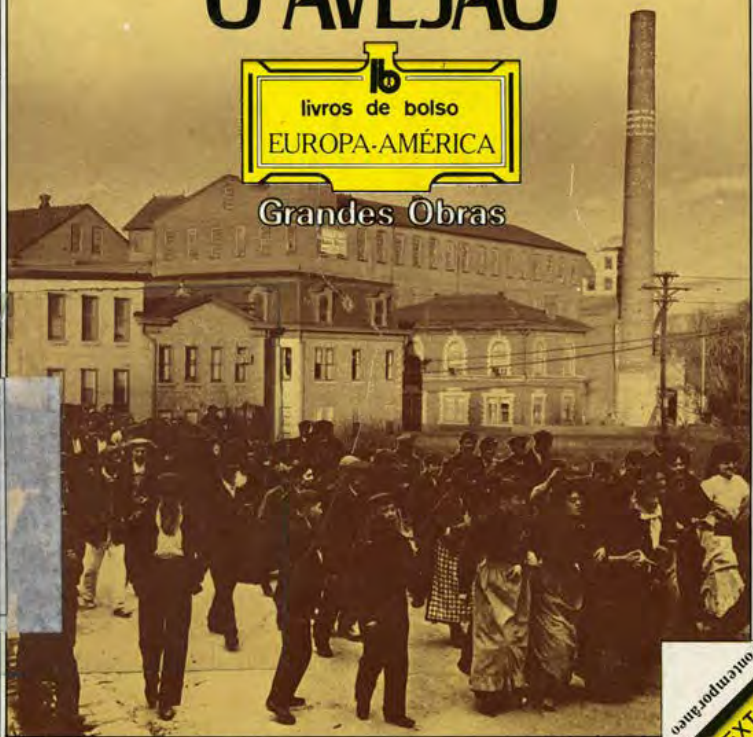


RAUL BRANDÃO

O GEBO e a SOMBRA
O AVEJÃO



Grandes Obras



Conteúdo integral

TEXTO
INTEGRAL

RAUL BRANDÃO

**O GEBO E A SOMBRA
O AVEJÃO**

Publicações Europa-América

Capa: estúdios P. E. A.

Direitos reservados por
Publicações Europa-América, Lda.

Nenhuma parte desta publicação pode ser reproduzida ou transmitida por qualquer forma ou por qualquer processo, electrónico, mecânico ou fotográfico, incluindo fotocópia, xerocópia ou gravação, sem autorização prévia e escrita do editor. Exceptua-se naturalmente a transcrição de pequenos textos ou passagens para apresentação ou crítica do livro. Esta excepção não deve de modo nenhum ser interpretada como sendo extensiva à transcrição de textos em recolhas antológicas ou similares donde resulte prejuízo para o interesse pela obra. Os transgressores são passíveis de procedimento judicial

Editor: Francisco Lyon de Castro

PUBLICAÇÕES EUROPA-AMÉRICA, LDA.
Apartado 8
2726 MEM MARTINS CODEX
PORTUGAL

Edição n.º: 155542/5412

Execução técnica:
Gráfica Europam, Lda.,
Mira-Sintra — Mem Martins

Depósito legal n.º: 48762/91

NOTA BIBLIOGRÁFICA SOBRE RAUL BRANDÃO

Raul Brandão nasceu na Foz do Douro, Porto, a 12 de Março de 1867, filho de José Germano Brandão, pescador, e de Laurentina Ferreira de Almeida.

Em 1888 frequenta o Curso Superior de Letras, como assistente, e a 18 de Dezembro assenta praça, como voluntário, no Regimento de Caçadores n.º 5, no Porto. Em 1890 publica o primeiro livro: *Impressões e paisagens*. Em 1891, a insistência da mãe leva-o a ingressar na Escola do Exército, de que não gosta, e onde obtém classificações medianas. Da vida militar dirá mais tarde, nas *Memórias*: «Durante o tempo que fui tropa, vivi sempre enrascado, como se diz em calão militar. Tudo me metia medo, os homens aos berros que ecoavam no quartel [...], castigo para um lado, castigo para o outro; e as coisas feias, agressivas, a parada, a caserna, as retretes. Levo para a cova a imagem daquelas retretes como uma das coisas mais infames que conheci na vida. O inferno deve ser uma retrete de soldado em ponto maior...». 7

Entretanto, colabora com outros escritores no panfleto *Os Nefelibatas*. Em 1894 termina o curso na Escola do Exército e faz o estágio regulamentar de dez meses na Escola Prática de Infantaria, em Mafra, onde escreve *O Arraial*, revista representada pelos alunos no final do ano. Ainda nesse ano, começa a colaborar no *Correio da Manhã*, de Pinheiro Chagas, e funda no Porto, com Júlio Brandão, a *Revista d'Hoje*.

Em 1895 acaba de redigir a *História de um Palhaço*, que publica em 1896, ano em que é promovido a alferes e colocado no Regimento de Infantaria n.º 20, em Guimarães. Numa festa de caridade, conhece Maria Angelina, com quem virá a casar em 1897. Compra uma quintinha na Nespereira, perto de Guimarães, onde começa a construir a Casa do Alto, em 1898. No ano seguinte, estreia-se em Lisboa, no Teatro D. Maria II, o drama em três actos *A Noite de Natal*, escrito em colaboração com Júlio Brandão. Ainda em 1899, começa a redigir *Os Pobres*, que terminará em 1900.

Em 1901 pede a transferência para Lisboa e é colocado no Regimento n.º 2 de Caçadores. Publica *O Padre*. Passa a secretariar a redacção de *O Dia*, onde publica artigos não assinados sobre assuntos militares. Em 1902 continua a colaborar com diversos jornais e revistas (*O Século*, *Diário*
8 *de Notícias*). Estreia no Teatro D. Amélia O

Maior Castigo, drama em três actos, e começa a escrever *A Farsa*, que publicará em 1903. Também em 1903, *O Dia* publica diversas reportagens sobre hospitais, cadeias e asilos de loucos, bem como inquéritos sobre a vida nos bastidores do teatro, a vida dos pescadores e da gente humilde, que parece não haver dúvida serem de Raul Brandão.

Os Pobres é publicada em 1906. Faz uma grande viagem por mar, com a mulher, a Itália. De lá seguem, de comboio, pata Lugano (Suíça), Paris e Londres. Embarcam do Havre para Vigo, e daí para Leixões.

Em 1910, é promovido a capitão, posto em que é reformado em 1911. Nesse mesmo ano morrem-lhe, em Julho o pai, e em Agosto a mãe. A partir de 1912, reside permanentemente na Casa do Alto, embora no Inverno passe grandes temporadas em Lisboa. É de 1912 a publicação de *El-Rei Junot*, e de 1914 a de *A Conspiração de 1817*. Começa a escrever o *Húmus*, que publica em 1917, mesmo ano de *1817 — A Conspiração de Gomes Freire*.

O primeiro volume das *Memórias* sai em 1910, e em 1921, no primeiro número da *Seara Nova*, «Sombras Humildes — Página de Memórias.»

Em 1923, já doente, publica o volume *Teatro em que inclui O Gebo e a Sombra, O Rei Imaginário e O Doido e a Morte*; publica ainda *Os Pescadores*. É eleito, juntamente com Teixeira de Pascoaes, sócio correspondente da Academia das Ciências de Lisboa.

Em 1924 faz a segunda e última grande viagem da sua vida, desta vez aos Açores, que lhe inspirarão *As Ilhas Desconhecidas*, obra que publicará em 1916, tal como *A Morte de um Palhaço e o Mistério da Árvore* (versão refundida de *A Morte de um Palhaço*). Entretanto, redige, em colaboração com Teixeira de Pascoaes, a peça *Jesus Cristo em Lisboa*, que sairá em 1927, o monólogo dramático *Eu Sou Um Homem de Bem*.

O Avejão é publicado em 1929, ano em que termina, de colaboração com a sua mulher, *Portugal Pequenino*. Durante o ano de 1930, escreve *O Pobre de Pedir*, que ficará inédito à data da sua morte.

Morre na noite de 4 para 5 de Dezembro de 1931, na sua casa de S. Domingos à Lapa, em Lisboa.

NOTA INTRODUTÓRIA

«Ou a vida é um acto religioso, ou um acto estúpido e inútil»

Esta frase de Raul Brandão resume bem a tensão que percorre toda a sua obra, marcada por uma metafísica pessimista. Há nela uma necessidade absoluta de procurar uma razão para a dor e sofrimento intrínsecos da condição humana. Se a humanidade vive desde sempre com a dor (revoltando-se ou resignando-se, tanto faz), tem de haver algo que justifique a existência: a vida tem de ter um significado.

É este pressuposto que se contrapõe constantemente à constatação de que a vida é feita de mentiras, de ilusões, de gestos sem significado que escondem a outra vida que é forçoso que exista: cada homem, como o Gebo, tem a sua sombra.

Toda a obra de Raul Brandão repete este problema e as suas personagens — nas suas dívidas 11

e inquietações, nos seus gritos — são sempre o próprio Brandão e a sua angústia suprema «ânsia de compreender, de chegar a compreender, antes de exalar o último suspiro»; angústia de quem procura algo que justifique o enigma e o absurdo da existência.

É uma obra representativa de uma época que, como diz, vagueia «sem tecto, entre ruínas»: uma geração que deixou de acreditar, mas que também ainda não crê, que oscila entre o cristianismo e Nietzsche, que procura um sentido, para fazer da vida um acto religioso.

O teatro foi um sonho constante ao longo da vida de Raul Brandão. Mas entre *O Arraial*, revista representada em Maфра, no fim do estágio para oficial, e *O Avejão*, publicado em 1929, há um intervalo de trinta e cinco anos, durante os quais surgirão apenas *O Triunfo* e *O Maior Castigo*, que se perderam, o monólogo dramático *Eu Sou Um Homem de Bem*, e aquele que deveria ser o primeiro de três volumes de *Teatro*, em que se inclui *O Gebo e a Sombra*, *O Rei Imaginário* e *O Doido e a Morte*. Isto, se exceptuarmos as duas peças que escreveu de parceria com Júlio Brandão e *Jesus Cristo em Lisboa*, tragicomédia escrita em colaboração com Teixeira de Pascoaes. Ou seja, no total, cinco peças: umas escassas cem páginas.

O Teatro, em que se inclui *O Gebo e a Sombra*, saiu a público já depois de o autor se notabilizar com *A Farsa*, *Os Pobres*, *Húmus*, *El-Rei Junot* e o primeiro volume das *Memórias*. À sua obra dramática viria apenas a acrescentar, depois disso o episódio dramático *O Avejão*.

De todo o conjunto, *O Gebo e a Sombra* sobressai como a peça mais ambiciosa. O Gebo, com a sua vida de sacrifícios inúteis, é a mais acabada expressão do pessimismo angustiado de Raul Brandão. É uma tragédia que acusa as desigualdades sociais e a injustiça, mas que transcende esse nível para chegar a uma metafísica do sofrimento, ao vislumbre do «outro», do «fantasma» — a Sombra —, o que «há para lá do homem que todos nós somos».

É verdade que a obra de Raul Brandão é repetitiva na temática, nas personagens e, até nas palavras que ressurgem frequentemente: grito, alma, sombra, espanto, vida e morte... Mas é esta coerência global que faz dessa obra um grito imenso e comovente, um grito suscitado por uma consciência atormentada.

As personagens — e sobretudo o Gebo — andavam já dispersas pelas outras obras de Raul Brandão: personagens grotescas, de quem todos se riem, desajeitadas, que ninguém sabe por que 13